

1 Introdução

Escolhi iniciar esta dissertação com os poemas apresentados na epígrafe porque ambos se relacionam diretamente com o presente estudo. Baseie no primeiro a escolha das metáforas utilizadas ao longo deste trabalho. Tais referências estão associadas à ação de caminhar, então será freqüente o uso de palavras como: caminho, caminhada, passos, pedras e tropeços. Já o segundo reflete algumas das minhas sensações, relacionadas à dicotomia vencedor *versus* perdedor, ao iniciar a caminhada por entendimentos sobre a minha sala de aula.

1.1 Narrativa do início da caminhada

Desde a minha graduação na faculdade de Letras, eu já sabia que gostaria de continuar minha formação acadêmica estudando a sala de aula. Entretanto, ao ingressar no mestrado, eu ainda estava muito confusa sobre qual linha de pesquisa seguir. Na verdade, eu sabia o que eu não queria fazer. Não era minha intenção pesquisar sobre algo que fosse unicamente teórico e que não agregasse valor à minha prática enquanto professora.

Os meus principais interesses no curso de mestrado eram entender minha identidade enquanto professora-pesquisadora, refletir sobre minha prática e associar o conhecimento acadêmico adquirido para a melhoria da qualidade de vida da minha sala de aula. As relações de ensino-aprendizagem, contudo, são extremamente diversificadas e ricas e, portanto, no início foi muito difícil escolher uma linha de pensamento que se alinhasse aos meus objetivos.

Eu acreditava que para que minha pesquisa fosse válida eu teria que primeiro estudar algo que fosse “revolucionário”, um assunto que não tivesse sido estudado ou aprofundando por ninguém antes de mim. Entretanto, todos os assuntos pelos quais eu me interessava pareciam já ter sido estudados por alguém. Eu me questionava freqüentemente sobre qual seria a validade de pesquisar algo que outra pessoa já havia estudado.

No segundo semestre do curso eu me matriculei na disciplina de Linguagem e Ensino com a professora Inés Miller. Foi neste momento que me deparei pela

primeira vez com termo *Prática Exploratória*. Depois de muitas conversas com a professora e algumas leituras sobre o tema, a minha frustração inicial começou a se dissipar. A Prática Exploratória dialogava com as minhas inquietações e se oferecia a mim como um valioso instrumento na busca pelos entendimentos sobre a sala de aula.

Através do estudo da Prática Exploratória compreendi que o meu trabalho enquanto professora não tinha que ser separado da pesquisa. Ao contrário, sala de aula e pesquisa devem caminhar juntas. Entendi também que tanto os meus questionamentos quanto os dos meus alunos deveriam ser valorizados, já que constituíam um material de pesquisa rico e único.

A busca por entendimentos através do estudo destes questionamentos se revelava para mim como uma oportunidade de conjugar teoria e prática. As conclusões não teriam como objetivo principal a generalização. Descobri que as particularidades são muito mais interessantes e que os resultados obtidos a partir destas podem ajudar outros professores-pesquisadores a buscarem seus próprios caminhos.

Desta maneira, decidi que seguiria pelos rumos da Prática Exploratória enquanto abordagem metodológica (Allwright, 2003). Entretanto, senti-me, inicialmente, como uma das únicas a enfrentar dificuldades e não conseguir êxito. Toda a literatura da área com a qual eu havia entrado em contato relatava, basicamente, casos de sucesso sobre como a Prática Exploratória interferia positivamente na qualidade de vida de sala de aula de alunos e professores.

Este fato muito me intrigou e resolvi, então, fazer desta “dificuldade” o tema da presente dissertação. Assim, este estudo objetiva estudar o porquê das minhas dificuldades em seguir o caminho exploratório, entender as pedras que apareceram ao longo do percurso e encorajar outros professores a trilharem este caminho, apesar dos possíveis tropeços.

1.2 O que é a Prática Exploratória?

Allwright em seus textos, escritos ao longo de mais de uma década, sobre Prática Exploratória procura enfatizar e deixar claro que esta não é uma maneira de se fazer pesquisa, mas sim um caminho a percorrer durante o processo de

ensino/aprendizagem a fim de que professores e alunos desenvolvam seus próprios entendimentos sobre o que eles estão fazendo em seus papéis (Allwright, 2003).

Já de imediato notamos que a Prática Exploratória não acontece de forma desintegrada aos eventos pedagógicos. Ao contrário, por definição, ela acontece dentro do processo natural e rotineiro de uma sala de aula. Diferentemente dos cinco exemplos de pesquisas que serão apresentados na seção 2.3, a Prática Exploratória não é uma modalidade de pesquisa que busca a solução de um problema, é um caminho para se fazer com que ensino e aprendizagem, professores e alunos, trabalhem juntos na busca de entendimentos sobre questões (*puzzles*) que ambas as partes julguem relevantes para entender melhor a qualidade de vida na sala de aula. É um caminho não somente para o aprimoramento de práticas de ensino, mas também, e principalmente, para compreender melhor o que acontece no cotidiano da sala de aula.

Sobre este assunto, Allwright (2003: 127-128) propõem a seguinte “descrição em princípios” da Prática Exploratória (ênfase no original)

A Prática Exploratória envolve

1. praticantes (e.g. preferivelmente professores e alunos juntos) trabalhando para entender:

- (a) o que *eles* querem entender, seguindo suas próprias agendas;
- (b) não necessariamente *para* mudar;
- (c) não primeiramente *através* de mudança;
- (d) mas através da *utilização* de práticas pedagógicas normais como ferramentas investigativas, para que o trabalho pelo entendimento seja *parte* do ensino e da aprendizagem, não extra;
- (e) de uma forma que não leve ao esgotamento, mas que seja *indefinidamente sustentável*;

2. com a finalidade de contribuir para:

- (a) *o ensino e aprendizagem*;
- (b) *o desenvolvimento profissional, tanto individual quanto coletivo*.

Como é fácil notar, “entendimento” é um conceito chave dentro da perspectiva da Prática Exploratória. Isso acontece porque o processo investigativo não tem como foco a solução de um problema (como proposto pela Pesquisa Ação, por exemplo), mas sim a compreensão de um *puzzle*. Tal questão não necessariamente tem que ser algo de conotação negativa. Todos nós - seja enquanto professores, seja enquanto alunos - já nos perguntamos em relação a alguma situação no processo de ensino/ aprendizagem: “Por que isto está acontecendo?” Esta questão que intriga o professor e os alunos sobre algo que acontece em sala de aula faz com que eles queiram entendê-la melhor. Lyra et al (1993) e Gieve & Miller (2006) percebem que professores e alunos têm priorizado questões relacionadas à qualidade de vida da sala de aula. Assim, a Prática Exploratória é voltada para o trabalho para o entendimento da natureza dos relacionamentos e das experiências vivenciadas em sala e até fora dela.

A qualidade de vida da sala de aula em oposição à qualidade do trabalho em sala foi resultado da percepção de que

(...) a qualidade de vida da sala de aula é a questão mais importante, tanto para a saúde mental da humanidade (e para a saúde mental do professor!), quanto para encorajar pessoas a serem eternos aprendizes ao invés de se ressentirem por terem passado anos de suas vidas como alunos ‘cativos’, perdendo para sempre a vontade de aprender. (Allwright, 2003b:5)

Outra noção de fundamental importância são as *Potentially Exploitable Pedagogic Activities (PEPA)* ou, em português, as Atividades Pedagógicas com Potencial Exploratório (APPE). Como já mencionado anteriormente, a Prática Exploratória visa entender a sala de aula não através de uma pesquisa externa ou distanciada, mas de uma forma natural e interna aos acontecimentos da aula. O foco é integrar o trabalho exploratório voltado para o entendimento com as práticas de sala de aula. Assim, as APPE se opõem a formas artificiais de coleta de dados como questionários, por exemplo. Elas são atividades criadas ou adaptadas de tarefas já existentes dentro da prática pedagógica, acontecendo dentro do fluxo normal da rotina da sala de aula, não sendo, portanto, “mais um trabalho extra” que o professor tenha que fazer.

As APPE também proporcionam entendimentos que não se esgotam na atividade em si. Por exemplo, em uma atividade de gramática na qual tenham que produzir estruturas com “*I like*” ou “*I don't like*”, além da gramática trabalhada

e/ou testada, muitos assuntos interessantes podem surgir no conteúdo das respostas. Assim sendo, o desenvolvimento destas atividades podem ajudar na geração de entendimentos mais profundos sobre os alunos, que se tornam não só participantes, mas também praticantes na aula. Ainda, como a Prática Exploratória visa um trabalho de entendimento contínuo, uma APPE não precisa ter um fim, a partir dela podem ser geradas outras questões, que vão gerar outras APPE, e, assim, sucessivamente.

A investigação na sala de aula, seguindo as idéias da Prática Exploratória, precisa buscar, acima de tudo, priorizar a qualidade de vida dos participantes, ser integrada à rotina das aulas, visar envolver a todos no trabalho, promover desenvolvimento mútuo e gerar entendimentos contínuos sobre as questões que surgirem.

Concluindo então, os sete princípios norteadores fundamentais da prática exploratória são, segundo as idéias de Allwright (2003a):

- 1) priorizar a qualidade de vida;*
- 2) trabalhar para entender a vida na sala de aula;*
- 3) envolver todos neste trabalho;*
- 4) trabalhar para união de todos;*
- 5) trabalhar também para desenvolvimento mútuo;*
- 6) integrar este trabalho para entendimento com as práticas em sala de aula;*
- 7) fazer com que o trabalho seja contínuo.*

1.3 Primeiros passos e tropeços: um breve relato

Descoberto este novo caminho, resolvi realizar uma atividade exploratória com uma das minhas turmas na escola onde trabalho. A idéia inicial era que os alunos escrevessem um diário da aula para que eu pudesse entender a visão deles sobre nossas aulas e, a partir de então, iniciar um trabalho mais colaborativo entre eles e eu. O grupo era formado por 24 alunos que, na ocasião, em 2008, cursavam o oitavo ano do ensino médio e tinham em média 13 anos de idade.

O relato que se segue não é aquilo que eu esperava ou gostaria que tivesse acontecido, mas foi o que na realidade aconteceu. No momento em que aula se encaminhava para o final, eu interrompi as atividades que estavam acontecendo e chamei a atenção da turma para que eu pudesse dirigir a palavra a todos. Expliquei-lhes então que eu estava cursando o mestrado na PUC-Rio na área de Estudos da Linguagem e que gostaria muito da ajuda deles para a minha pesquisa.

Já é possível perceber, somente na introdução desta narrativa, que o resultado não foi o esperado. Logo de início consegui me desviar de um dos principais princípios da Prática Exploratória: esta não é simplesmente uma modalidade de pesquisa, é um caminho para se construir entendimentos sobre os eventos em sala de aula; portanto, ela não deve acontecer de forma desintegrada às práticas rotineiras da aula. A partir do instante em que eu interrompi a dinâmica da aula para explicar que iria fazer pesquisa, eu trouxe para sala um elemento de artificialidade, que não colaborava na busca pelos entendimentos.

Continuando os tropeços, ou melhor, a história, os alunos pareceram muito empolgados pelo fato da professora deles estar cursando o mestrado e fizeram muitas perguntas sobre o assunto. Expliquei-lhes que a atividade não era em hipótese alguma de caráter obrigatório, mas eles demonstraram bastante interesse em ajudar participando da atividade. Continuei, então, dizendo que eu gostaria que ao término da aula eles escrevessem, em português ou em inglês, um diário registrando suas impressões sobre aula. Automaticamente, ninguém mais quis participar. Assim, a atividade acabou antes mesmo de começar.

A minha seqüência de passos em falso continuou. Quanto mais eu explicava, mais estranho aquele elemento de pesquisa se tornava ao ambiente. A atividade se tornou completamente desvinculada da seqüência pedagógica da aula e, conseqüentemente, não consegui dar continuidade ao trabalho. O princípio de integração do trabalho para entendimento com as práticas em sala de aula havia sido diretamente ferido.

1.4 Definindo meu foco de pesquisa

Apesar da história relatada na seção 1.3 não se apresentar como um exemplo bem-sucedido de atividade exploratória, tal experiência me ajudou na prática a

perceber como os princípios da Prática Exploratória estão atrelados uns aos outros e como a idéia de pesquisa desintegrada das práticas de sala não se adequam a esse tipo de estudo.

A partir daquele momento, iniciei uma série de leituras para aprofundar meus conhecimentos. Durante este tempo também planejei outras atividades exploratórias com turmas a respeito das quais eu tivesse algum questionamento (*puzzle*). Algumas dessas atividades foram bem-sucedidas, outras não. No início, na verdade, a maioria das atividades, por vários diferentes motivos, não se completavam. Pessoalmente, senti-me bastante desestimulada, porque apesar de todo meu empenho, não conseguia fazer com que o trabalho para entendimento, integrado com o trabalho pedagógico, fosse contínuo (um dos principais preceitos da Prática Exploratória).

Depois de ler tantas dissertações e escutar tantos testemunhos sobre casos de sucesso, eu sentia que eu era a única que não conseguia planejar e desenvolver as atividades de maneira “vencedora”, por isso a referência ao segundo poema citado na introdução.

Entretanto, em conversa com minha orientadora, que me apresentou à Prática Exploratória, chegamos à conclusão que mesmo quando a atividade não se completava ou acabava por se desviar do questionamento inicial, entendimentos diversos eram gerados. Tais entendimentos também eram importantes para a qualidade de vida da sala de aula e, justamente por serem surpreendentes, eles geravam um rico material de estudo. Logo percebemos que iríamos seguir por um caminho inesperado e ainda pouco estudado dentro da área da Prática Exploratória: a pesquisa seria, precisamente, sobre os tropeços durante a realização das atividades.

Esta ainda é uma situação pouco discutida, mas, possivelmente, já vivenciada por muitos colegas. Decidimos também que não abordáramos estes eventos inesperados como algo negativo, ao contrário, o propósito desta dissertação é primordialmente estudar como eles também podem gerar entendimentos e contribuir para a qualidade de vida em sala de aula.

1.5 Organização da dissertação

Neste primeiro capítulo, introduzo meu interesse e escolha pela Prática Exploratória, relato minha primeira tentativa de realizar uma atividade pedagógica de potencial exploratório (APPE) e a relação com a definição do meu objeto de pesquisa.

O capítulo 2 é destinado à fundamentação teórico-metodológica que embasa esta pesquisa. Tratarei da pesquisa qualitativa, da relação entre pesquisa e sala de aula, do professor-pesquisador, da importância da narrativa-reflexiva, do estudo do cotidiano e de crenças. Este capítulo também situa o campo de estudo da pesquisa em sala de aula através de uma breve história da Linguística Aplicada enquanto campo independente e interdisciplinar de estudo e sua relação com as idéias defendidas pela Prática Exploratória.

Já o capítulo 3 trata de contextualizar o presente estudo. Apresento os perfis da instituição onde as atividades foram realizadas e do grupo de alunos participantes. Focalizo também na descrição do material didático adotado para a turma e no surgimento do *puzzle* motivador da pesquisa.

O capítulo 4 destina-se à apresentação e análise das APPE. Tais atividades serão estudadas à luz das teorias apresentadas no capítulo 2. Serão apresentadas o total de duas APPE (APPE1 e APPE2, respectivamente).

A conclusão do trabalho compõe o capítulo 5. Neste capítulo apresento os entendimentos gerados pela união de teoria e prática, concretizadas nas APPE e teço as considerações finais desta dissertação.

No capítulo 6 apresento as referências bibliográficas que embasaram o trabalho.

Incluo as páginas referentes à unidade 4 do livro do aluno utilizado na turma na qual o estudo se desenvolveu no anexo, capítulo 7. As APPE desenvolvidas por mim e pelos alunos também se encontram na íntegra nesta seção. As redações, produto da segunda atividade, foram reproduzidas na íntegra, sem correção prévia.